

O Homem Que Não Esquecerá

Acreditando que a Justiça não deve ter «limites no tempo ou na distância», Simon Wiesenthal já descobriu mais de mil criminosos de guerra nazistas — e a caçada continua

JOSEPH P. BLANK



ENQUANTO o juiz ia recapitulando os crimes do réu, os dois ouvintes mais ostensivamente impassíveis no apinhado tribunal de Dusseldorf, na Alemanha Ocidental, eram o acusado, ex-SS *Hauptsturmfubrer* Franz Stangl, e Simon Wiesenthal, o homem que havia perseguido Stangl durante 20 anos e era o responsável por sua entrega à Justiça. Na abertura do julgamento, sete meses antes, o promotor havia declarado: «Stangl é o mais alto funcionário de um campo de morte que a Alemanha Ocidental jamais chegou a julgar.»

No seu sumário de duas horas e meia, naquele frio 22 de dezembro de 1970, disse o juiz: «Como comandante do campo de extermínio de Treblinka, na Polônia, o réu supervisionou o assassinato de pelo menos 400.000 homens, mulheres e crianças.» As palavras do juiz fizeram reviver um terrível fragmento da História que muitos desejariam es-

quecer. Stangl, que se havia defendido dizendo «Eu apenas cumpri o meu dever», pôs-se em posição de sentido para ouvir a sentença: prisão perpétua.

Com os seus 100 quilos, cabelos cinzentos e ralos, um bigode grisalho e olhos vivos e brilhantes, Wiesenthal abandonou rapidamente o tribunal. (Todos os seus movimentos dão uma impressão de força, de pressa, como se nunca tivesse tempo suficiente para fazer o que pretende.) No corredor, parou perto de um cesto de lixo, abriu a carteira e tirou uma foto de Stangl que estava metida entre fotografias da sua mulher e da filha. Ele a guardara como uma constante lembrança das vítimas inocentes de Stangl. Agora, silenciosamente, Wiesenthal rasgou a fotografia.

Ele não sentia a menor emoção: «A condenação de Stangl não significou nada para mim. Foi puramente simbólica. Não existe punição que se compare à enormidade do crime. O importante é que foi estabelecida a culpa e feita justiça.»

Ao iniciar a viagem de volta ao seu Centro de Documentação, em Viena, Wiesenthal já havia esquecido o julgamento. Ele ainda tinha mais de 300 casos de assassinos coletivos procurados, em vários estágios de investigação. Seus arquivos continham milhares de outros nomes que talvez nunca viessem a receber atenção.

«É uma tarefa que não concluirei nunca», refletiu ele recentemente. «Estou com 64 anos. Continuarei

simplesmente com o trabalho, de uma maneira ou de outra, até deixar de respirar.»

Dívida Para com os Mortos. Desde maio de 1945, quando foi libertado do campo de concentração de Mauthausen, na Áustria, pelo exército norte-americano, Wiesenthal vem recolhendo provas contra os homens e mulheres responsáveis pelo mais espantoso crime da História — a exterminação pelos nazistas de seis milhões de judeus e vários milhões de não-judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Ele conseguiu localizar mais de 1.000 desses criminosos, uma façanha que o torna único como detetive. E o fez — exceto durante um ano imediatamente após a guerra, durante o qual trabalhou para os investigadores norte-americanos de crimes de guerra — como cidadão particular, sem qualquer autoridade legal, financiado apenas por pequenas contribuições de pessoas de todo o mundo e pelo que ele ganha como conferencista e escritor.

Basicamente, Wiesenthal trabalha sozinho. No começo tinha uma equipe de 30 voluntários e alguns assistentes de meio-expediente, mal remunerados. Pouco a pouco, esses homens e mulheres foram trocando-o pela paz de carreiras normais e de uma vida em família. No entanto, até hoje uma mensagem de Wiesenthal é capaz de lançar uma freira na Austrália, um rabino na África do Sul ou um advogado em Nova York na pista de um homem que a organização queira encontrar.

Simon Wiesenthal nunca *desejou* entregar a sua vida ao mais triste dos trabalhos de detetive. Antes da guerra ele era um jovem e próspero arquiteto em Lwów, na Polônia. Depois que ele e sua mulher se reencontraram, no fim de 1945 — cada um pensava que o outro morrera — conversaram a respeito de suas vidas.

«Nas nossas famílias todos foram mortos», disse Wiesenthal para a mulher. «Não posso voltar para a minha profissão. Como posso construir casas antes de ter feito o possível para garantir que as pessoas estarão seguras dentro delas? Não consigo esquecer os milhões que foram assassinados. Eu estou vivo. Estar vivo cria uma dívida para mim.» Justiça tem de ser feita.

Inicialmente, Wiesenthal era motivado pelo espírito de vingança, mas logo compreendeu que a sua paixão era destrutiva e fútil. Tentou explicar isto a um líder guerrilheiro judeu que queria os seus arquivos «para que possamos exterminá-los como eles nos exterminaram».

«Não, não», respondeu Wiesenthal. «Nós não seremos iguais a eles. Usaremos a lei. Se os matarmos, o mundo nunca ficará sabendo o que eles fizeram. Tem de haver uma prestação de contas. Tem de haver depoimentos perante tribunais, um registro para a História.»

Embora Wiesenthal seja visceralmente contra essas exigências de vingança olho-por-olho, quando um sobrevivente de um campo de morte

chora com a lembrança dos horrores testemunhados, Wiesenthal chora também, e a experiência daquele homem ou mulher torna-se parte da sua experiência. «Às vezes», diz ele, «é difícil separar em minha mente o que se passou comigo e o que se passou com outros.»

Essa profunda empatia tem-no amparado em seu trabalho solitário, mas também o pôs doente e o fez sofrer terríveis insônias. À noite, cenas de atrocidades nazistas costumavam passar num turbilhão infindável pela sua mente. Um médico consultado disse-lhe: «Não posso fazer nada. Você precisa abstrair-se do seu trabalho. Você precisa de um *hobby*.»

Wiesenthal sempre tivera alguma curiosidade pelos selos das cartas que lhes chegavam de dezenas de países. Começou a colecionar selos — hoje é um excelente filatelista — e aprendeu a abandonar-se à arte e história dos selos. Era uma distração que, por acaso, viria a ser útil na localização de Adolf Eichmann, o demônio da morte que dirigiu toda a campanha de Hitler para aniquilar os judeus.

Pista Fria. A paciente caçada de Wiesenthal em busca deste criminoso começou em 1946. Embora os dossiês pessoais de Eichmann tivessem sido destruídos nas vésperas da derrota da Alemanha — não existiam as suas impressões digitais nem fotografias — as pesquisas revelaram a existência da Sr.^a Eichmann, vivendo, sob o nome de solteira, com seus três filhos.

Os vizinhos achavam que ela estava divorciada de Eichmann. Wiesenthal não acreditava nisso. Ela vivia permanentemente desconfiada com estranhos, e, para ele, esses cuidados significavam que mantinha algum tipo de contato com o marido. Em 1948, então, ele soube que a mulher solicitara ao tribunal que declarasse o marido legalmente morto. Para fundamentar o pedido, apresentara uma declaração de Karl Lukas, do Ministério da Agricultura tchecoslovaco, na qual ele jurara ter visto Eichmann morto em Praga, em 30 de abril de 1945.

«Eu tinha a certeza de que Eichmann havia tramado a manobra», lembra Wiesenthal. «Se ele fosse declarado legalmente morto, todos os governos abandonariam as buscas e ele ficaria livre.»

Wiesenthal e alguns dos seus voluntários de meio-expediente entraram em ação. Em duas semanas conseguiram provas de que Lukas era casado com uma das irmãs da Sr.^a Eichmann; obtiveram também depoimentos juramentados de um oficial da SS e de outras testemunhas que haviam visto Eichmann vivo depois de 30 de abril. O tribunal indeferiu imediatamente a petição da Sr.^a Eichmann. O marido continuava sendo «procurado».

Embora posteriormente aparecessem duas fotografias de Eichmann tiradas antes da guerra, a caçada encontrava-se num beco sem saída. Na Páscoa de 1952, então, Wiesenthal perdeu o único «contato»

com a sua presa: a Sr.^a Eichmann e seus filhos desapareceram. Ela tirara passaporte com o seu nome de solteira. «Eichmann sentia-se suficientemente seguro e levava a família para junto de si», deduziu Wiesenthal.

Certa noite, 18 meses depois, Wiesenthal estava conversando sobre selos com um amigo colecionador. «Acabo de receber um belíssimo selo da Argentina, numa carta de um velho conhecido», comentou o homem. «É um antigo oficial da *Wehrmacht* que atualmente treina soldados argentinos. Fala de encontros com gente da Alemanha.» Em seguida leu a carta em voz alta. Wiesenthal ficou atordoado com duas sentenças: «Aquele porco miserável, Eichmann, que dispunha da sorte dos judeus. Ele mora perto de Buenos Aires...»

O caso Eichmann estava vivo! Logo no dia seguinte, Wiesenthal enviou a informação, juntamente com cópias das velhas fotos, para o Congresso Mundial Judeu, em Nova York, e para o consulado de Israel em Viena.

Honrado Vingador. Em fins de 1959, o Governo de Israel informou-lhe que havia localizado a Sr.^a Eichmann e os seus três filhos vivendo com um alemão chamado Ricardo Klement, em Buenos Aires. Dois agentes israelenses visitaram Wiesenthal para uma revisão do caso. «Klement tem de ser Eichmann», disse-lhes Wiesenthal. «Não existe outra razão para que a Sr.^a Eichmann tivesse deixado o

seu lar aqui e escapulido com os filhos para Buenos Aires.»

«Temos de ter certeza. Não podemos cometer um erro de identificação. Precisamos de um retrato mais recente que aquelas velhas fotos que você nos enviou.»

Alguns meses mais tarde, Wiesenthal leu que o pai de Eichmann tinha morrido, e recordou os primeiros anos da sua busca, quando ele frequentemente seguia pistas sobre a presença de Eichmann — indo sempre dar com Otto, um dos quatro irmãos de Eichmann. A semelhança entre ambos deveria ser espantosa.

Wiesenthal encontrou o jazigo da família Eichmann em Linz, na Áustria, e examinou cuidadosamente todo o terreno à volta, num raio de 100 metros. Em seguida foi a Viena onde contratou dois fotógrafos, dizendo: «Quero fotos de todo o mundo no funeral, mas vocês não devem ser vistos.» Fez um esboço indicando os possíveis esconderijos para os fotógrafos.

Cinco horas depois da cerimônia, Wiesenthal examinava ampliações dos rostos dos irmãos. Pareciam-se muito entre si — e com as fotografias de Eichmann de antes da guerra.

Mais tarde, com uma lupa, ele indicou a agentes israelenses as características similares da cabeça e do rosto. «Envelheçam Eichmann mentalmente, de acordo com o aspecto que os seus irmãos têm hoje, especialmente este aqui, Otto», instruiu Wiesenthal. «O que vocês

estarão vendo é provavelmente muito parecido com o tal Ricardo Klement.»

No dia 23 de maio de 1960, Eichmann foi formalmente acusado em Israel. De Jerusalém, Wiesenthal recebeu um telegrama. «Parabéns pelo excelente trabalho.» Julgado e condenado, Eichmann foi enforcado em 31 de maio de 1962.

Estímulos Para a Caçada. Wiesenthal não pode jamais prever o curso que tomará uma perseguição ou onde encontrará a chave que solucionará um caso. Sobre Anton Fehring, um sádico guarda do campo de concentração de Plaszów, na Polônia, sabia apenas constar ser oriundo do Norte da Áustria. Certo dia, numa biblioteca, examinando jornais do tempo da guerra à cata de informações, Wiesenthal entreouviu dois genealogistas conversando sobre árvores genealógicas. Dias depois a conversa veio-lhe à mente, e ele procurou um genealogista para perguntar: «Há algum lugar especial no Norte da Áustria onde viva um grupo de famílias com o nome de Fehring?»

Quarenta e oito horas depois o especialista informava: «Vivem várias famílias Fehring no Vale de Krems, entre Kirchdorf e Micheldorf.»

Quando um dos seus assistentes descobriu um certo Anton Fehring vivendo em Kirchdorf, Wiesenthal disse para um fotógrafo: «Vá a Kirchdorf como se fosse turista. Faça quantas fotos quiser, mas arranje-me uma fotografia desse

Anton Fehringler.» O homem era *mesmo* o Fehringler, e acabou condenado.

Em várias ocasiões, Wiesenthal foi alertado por um bilhete, um telefonema ou um encontro acidental. Foi algo assim que levantou o caso de Hermine Braunsteiner. Em abril de 1964, Wiesenthal estava num café em Tel Aviv, quando uma mulher o reconheceu. Muito agitada, ela contou a sua história. «Eu estive no campo de concentração de Majdanek, na Polônia. Havia ali uma guarda chamada Hermine Braunsteiner que usava um cão feroz e um chicote com pontas de chumbo contra os prisioneiros. Ela tem de responder pelos seus crimes.»

Braunsteiner era um nome que ele jamais ouvira, e tinha poucas esperanças de encontrar qualquer coisa sobre ela. Mas os registros oficiais mostravam que, havia 15 anos, Braunsteiner tinha sido julgada e condenada a três anos de prisão por torturar mulheres internadas no campo de concentração de Ravensbrück, na Alemanha. Entretanto, fora absolvida de acusações envolvendo os serviços prestados em Majdanek, um campo de concentração onde morreram mais de 100.000 pessoas.

Wiesenthal pôs então em ação a sua rede mundial de amigos. De sobreviventes na Polônia, Israel e Iugoslávia obteve declarações incriminatórias sobre as ações de Braunsteiner em Majdanek. Retomou a sua pista na prisão de onde ela havia sido libertada e «seguiu-a»

através da Áustria e da Alemanha, onde ela conhecera um pedreiro americano, com quem casara. Em 1963 ela obtivera cidadania norte-americana e agora vivia num subúrbio de Nova York.

Sabendo que ela jamais teria obtido a cidadania sem negar que tivesse sido «condenada por algum crime», Wiesenthal informou o Governo americano, que agora tenta deportá-la como estrangeira indesejável.

Como tem acontecido frequentemente na Áustria e na Alemanha, muitos vizinhos mostram simpatia para com a acusada, dizendo: «Ela é uma pessoa sossegada, que não incomoda ninguém.» O seu marido exclamou ressentido: «Vocês nunca ouviram a expressão 'Deixem os mortos em paz'?»

Uma Questão de Moralidade. Para Wiesenthal, os mortos não estarão em paz enquanto não se fizer justiça. Ele tampouco estará. É por isso que ele continua a vasculhar tudo em busca de informações sobre Martin Bormann, o principal assessor de Hitler, o qual Wiesenthal está convencido de que escapou para a América do Sul. Foi por isso, também, que Franz Stangl finalmente foi condenado, depois de uma caçada de 20 anos.

Stangl fora preso no final da guerra, mas escapara e desaparecera com a mulher e três filhas. Nenhum indício surgira até 22 de fevereiro de 1964, quando um indivíduo de meia-idade, mal vestido e de ar furtivo, apareceu no escritório de

Wiesenthal e disse: «Eu estive na Gestapo durante a guerra. Era soldado raso. Li outro dia num jornal um artigo sobre o senhor, onde dizia que Franz Stangl era procurado por crimes de guerra. Eu sei onde ele está. Mas a informação custa dinheiro.»

Finalmente, foi acertado o preço de 7.000 dólares, se a informação levasse à prisão.

A informação — Stangl trabalhava na Volkswagen de São Paulo, no Brasil — era correta. Estava levando uma vida agradável e tranquila em São Paulo, onde possuía uma casa, dois carros e várias armas. Um parente avisara-o sobre a publicação do artigo que mencionava o seu nome — o mesmo artigo que trouxera o homem da Gestapo. Stangl não estava preocupado. O que poderia fazer contra ele um indivíduo qualquer, num escritório a 10.000 quilômetros de distância, sem poder algum?

Localizar Stangl, verificar a sua identidade e finalmente levá-lo à prisão na Alemanha Ocidental custaram a Wiesenthal três anos de secretos, pacientes, cautelosos e habilidosos esforços. «O segredo era da maior importância», explicou Wiesenthal. «Obter a cooperação do Brasil, mas limitar o conhecimento dos nossos planos ao menor número possível de pessoas. No passado, deliberadas indiscrições burocráticas

havam permitido que homens procurados escapassem.»

O plano funcionou. E quando Wiesenthal foi informado por telegrama sobre a captura, ele sentiu a alegria do triunfo, não por qualquer realização pessoal, mas pelo fato de que «a captura provou que a justiça não conhece limites no tempo ou na distância». Posteriormente, os Ministérios de Justiça da Alemanha Ocidental e da Áustria obtiveram do Brasil a extradição de Stangl.

Cada prisão ou julgamento aumenta grandemente a sua já enorme correspondência. Algumas das cartas vêm endereçadas apenas vagamente: «Simon Wiesenthal, Departamento de Humanidade, Viena» ou «Judeu Sujo, Wiesenthal, Áustria». Chegam cheques, congratulações, novas informações, pedidos para procurar certos criminosos de guerra e, como sempre, ameaças.

Estas últimas fazem-no cauteloso, mas nunca o intimidam. Na realidade, elas estimulam a sua dedicação. «As ameaças mostram que os criminosos à solta sabem que estão sendo procurados», reflete ele. «Eu simplesmente tenho a obrigação moral de continuar buscando esses homens. Eles têm de saber que ainda não prestaram contas, estão devendo, e nenhum deles, neste momento, sabe se a Justiça está ou não só a um passo deles.»



ESCRITO num cesto de pêssegos num mercado londrino: «Maduros, prontos para comer — dispensam dentes.»